

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Carlos Felipe de Jesus Assis

**A RELAÇÃO DA COMICIDADE E A MORALIDADE: UM ESAIO SOBRE OS LIMITES ÉTICOS
E MORAIS PARA A ZOMBARIA NO PALCO.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Humberto Schubert Coelho.

Juiz de Fora
2016

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **CARLOS FELIPE DE JESUS ASSIS**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201372096A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A RELAÇÃO DA COMICIDADE E A MORALIDADE: UM ENSAIO SOBRE OS LIMITES ÉTICOS E MORAIS PARA A ZOMBARIA NO PALCO**, desenvolvido durante o período de 05/11/ 2016 a 20/12/2016 sob a orientação de HUMBERTO SCHUBERT COELHO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Carlos Felipe de Jesus Assis

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

A RELAÇÃO DA COMICIDADE E A MORALIDADE: UM ENSAIO SOBRE OS LIMITES ÉTICOS E MORAIS PARA A ZOMBARIA NO PALCO.

Carlos Felipe de Jesus Assis¹

RESUMO:

Tanto a comicidade como a moralidade são inevitáveis: a abordagem cômica do ser humano em relação ao mundo e de si mesmo, e a regulação comportamental em relação do comportamento dos homens. Em muitos casos, na sociedade, estes se entrelaçam de modo confuso. Ora a liberdade se sobrepõe a moralidade, ora a moralidade tenta delimitar a liberdade. O trabalho tem como objetivo mostrar que a dimensão cultural do riso, e a manifestação desta propriedade humana, a comédia - o que entendemos por *risível* - é algo inerente ao comportamento do homem, seja qual for a cultura em que estiver submerso. Diferente do que muitas pessoas pensam, rir de forma jocosa não é nocivo à sociedade e aos indivíduos quando praticado com consentimento das partes presentes. Além do próprio documentário como um objeto de análise, utilizarei como principal referência teórica a obra de Vera Alberti, *O Riso e o risível na história do pensamento* como principal norteador de minha pesquisa, pois seu trabalho parte de uma perspectiva histórica, de como o estudo da comicidade foi pensada desde Platão até os dias atuais. Haverá também outros autores que serão citados, como Shaftesbury, Schopenhauer, Darwin, Freud, David Benatar. Chega-se à conclusão que todo o moralismo é um mal entendido dos benefícios da liberdade; moralismo que ao fim, se torna uma regra condenada a ser desobedecida. Assim como não se pode regular através da moralidade o que um determinado diretor pode expor em seu filme, um pintor em uma tela, um poeta em um livro e um músico em sua partitura, seguindo a mesma lógica; não se pode ditar o que um comediante pode expor em sua piada. Através da Estética, a busca-se a compreensão das sensações que o mundo material desperta no espírito humano. O que causa os sentimentos que definem o que é *sublime*, belo, absurdo, *ridículo*, repulsivo, *feio* e amedrontador, *trágico* etc. Clama-se, neste trabalho, para que tudo pertencente à comédia, incluindo as piadas, devem ser analisadas pela ótica Estética, e conseqüentemente, deve-se utiliza-la para enxergar os limites da zombaria.

Palavras-chave: Riso; Comicidade; Zombaria; Piada; Moralidade, Preconceito.

1. INTRODUÇÃO

Tanto a comicidade como a moralidade são inevitáveis: a abordagem cômica do ser humano em relação ao mundo e de si mesmo, e a regulação comportamental em relação do comportamento dos homens. Em muitos casos, na sociedade, estes se entrelaçam de modo confuso. Ora a liberdade se sobrepõe a moralidade, ora a moralidade tenta delimitar a liberdade. E retirando-se a ética, a moralidade simples e pura, se torna sem reflexão e dogmática. Por muitas das vezes, esta moralidade excessiva termina por estrangular da forma mais cruel a liberdade do espírito do indivíduo e a sua expressão resultando, em casos mais graves, até mesmo em chacinas, como vimos nos acontecimentos do dia 7 de janeiro de 2015 em Paris, o atentado à sede do Charlie Hebdo. De fato há um conflito entre moralidade e comicidade, mas só um dos dois estabelece este conflito.

Em 2012 foi produzido um documentário, *O riso dos outros*, dirigido por Pedro Arantes e lançado pela Tv Câmara. O documentário com cerca de cinquenta minutos, de forma sucinta, expõe opiniões contrárias que revelam este conflito entre moralidade e a comicidade, colocando lado a lado, a relação entre direito e liberdade. O filme está no Youtube e conta com a participação de vários comediantes e cartunistas como a Marianna Armellini, Laerte Coutinho, Danilo Gentili e Rafinha Bastos, entre outros humoristas; pessoas que dependem do exercício profissional da comédia, e que por muitas das vezes, pelo teor de suas piadas, acabam causando amarguras a alguns indivíduos. No outro lado do debate, e com opiniões em desacordo com este tipo de comédia de palco, nada politicamente correta, temos figuras importantes dos principais movimentos sociais da atualidade do país, como o deputado Jean Wyllys, político e um ativista do movimento LGBT e a feminista Lola Aronovich. Evidentemente que este conflito de opiniões divide o público, deixando-nos confusos e divididos.

Diferente da França, no Brasil ainda não há o perigo de algum comediante ser assassinado brutalmente por algum fanático religioso, contudo, é notório que existem atritos de interesses, entre o *cômico* e a *moralidade*,

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: assisnominato89@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dr. Humberto Schubert Coelho.

e isto se evidencia quando estes comediantes de repertório de piadas mais picantes - típicas dos shows de "Stand up comedy" que há pouco chegaram ao Brasil - como o humorista Rafinha Bastos - acabam se envolvendo em denúncias infundadas de preconceito, e no pior dos casos, se aprofundam em processos jurídicos de acusação de injúria, difamação e crimes contra a honra. Muitas destas acusações partem destes setores dos movimentos sociais que não se conformam com as piadas, acusadas de racistas, homofóbicas e machistas. De fato, muitas piadas ditas nestes shows de "stand up comedy" não são nada "politicamente corretas", e fora do palco, ditas em outro contexto que não fosse o humorístico, certamente o comediantes responderiam criminalmente perante as nossas leis. Mas vale ressaltar o que é dito nestes shows, e não são discursos para incitar o ódio, e sim uma narrativa montada de forma proposital para fazer as pessoas rirem, e nada mais.

O documentário expõe este embate de opiniões, a cada qual é dada igual atenção, no entanto ele não é muito conclusivo, não sendo esclarecedor em que ponto está o limite para exercer a comicidade, pois não há uma argumentação objetiva que leve, racionalmente, a um desfecho. Apesar de que o filme, ao final, nota-se uma leve abordagem parcial, para tentar forçar o público acatar a ideia central de um dos lados. Considerando a pluralidade de opiniões, largando sua opinião pré-formada, o documentário pode apresentar-se como uma provocação para uma pesquisa mais atenta - o filme parece mais um preâmbulo sobre um tema mais complicado e extenso. É uma espécie de porta que dá acesso a algo maior, um convite para buscar por mais fontes de estudo para entender o que é de fato a comicidade e suas manifestações. Sabemos que o racismo, o preconceito e a discriminação são atitudes e posturas ilógicas e passíveis de escárnio. É perfeitamente cognoscível o quanto nocivo é o preconceito para a sociedade - basta lembrar dos anos terríveis de Alemanha nazista - porém, tratando-se do humor, não encontramos um entendimento lógico do porquê rimos de piadas com estereótipos advindos do preconceito popular, mesmo que nós não sejamos pessoas preconceituosas. Não encontramos respostas lógicas do porquê, por exemplo, quando alguém se engasga, e esta ação suscita risos, ou quando alguém sofre uma queda - desde que notado prontamente que não ocorreram efeitos danosos e graves à saúde - acabamos por rir de um tombo do qual outros poderiam ter quebrado um osso e se machucado gravemente. Por que será? Por que rimos do que, pela lógica, deveria causar sentimento trágico?

O documentário deixa uma brecha também para que as pessoas busquem entender profundamente os movimentos sociais atuantes no Brasil, bem como suas origens. Assim se torna compreensível a indignação de certos setores da malha social que se sentem oprimidos, seja pelo o racismo, homofobia ou o machismo, exatamente contra o que este tipo de humor se volta, fazendo zombaria de temas tão delicados na sociedade, como citado nas entrevistas. Neste trabalho focarei sobre os estudos do cômico e da comédia, não porque me interesse menos pelos movimentos sociais e as lutas por direitos igualitários na sociedade moderna, mas porque há um tremendo desentendimento, de uma grande parte das pessoas, desta propriedade humana, que é tão viva e presente em nosso cotidiano. A comédia está presente desde primórdios do surgimento da tragédia grega - retratada em obras clássicas de Aristóteles, como *A Poética*. O riso se manifesta nas mais variadas situações, e suas causas fisiológicas podem ser facilmente explicadas pela ciência, pois sabe-se que o riso involuntário ocorre devido a reações químicas e neurológicas que fazem o ser humano contrair seus músculos faciais e da extremidade da boca, concomitante a contração e relaxamento abrupto do diafragma, que gera os sons típicos da gargalhada. Entretanto, o riso presente na comédia não ocorre somente por uma simples causa fisiológica; neste caso, para ocorrer o riso é necessário algo externo, como um jogo de palavras e ações que são consideradas risíveis, e por algum motivo particular acabam causando o chiste. O combate moralista à comicidade - apesar de que gostamos de fazer zombaria e a assistimos em grande parte de nossas vidas manifestando gargalhadas - advém do aspecto de que todos nós adoramos rir, porque isto gera gozo, inclusive, zombar do outro, no entanto poucos ficam confortáveis quando são o alvo de risos de zombaria.

O riso humano é algo inato e Aristóteles já havia afirmado sabidamente que o ser humano é o único animal que ri. De fato, gargalhar como conhecemos certamente o homem é único animal que faz, emitindo determinados sons e contrações dos músculos da face, porém, ousa afirmar que o riso não pertenceu somente à exclusividade de nossa espécie. Tal comportamento esteve presente em outros hominídeos extintos que conviveram conosco em tempos remotos, e em outros antepassados da árvore genealógica do *homo*. Se não for algo mais amplo, como descrito por Charles Darwin na obra *A Expressão das emoções no homem e nos animais* (1872), em que é dado ao riso um capítulo inteiro, o oitavo, dedicado à esta emoção. Em sua obra Darwin afirmava que algo semelhante ao riso humano é encontrado até mesmo em nossos primos primatas. Segundo ele, outros macacos emitem sons e contorcem suas faces em momentos de euforia que se assemelham ao ato de rir do ser humano.

O trabalho tem como objetivo mostrar que a dimensão cultural do riso, e a manifestação desta propriedade humana, a comédia - o que entendemos por *risível* - é algo inerente ao comportamento do homem,

seja qual for a cultura em que estiver submerso. Diferente do que muitas pessoas dos movimentos sociais pensam, rir de forma jocosa não é nocivo à sociedade e aos indivíduos quando praticado com consentimento das partes presentes. Além do próprio documentário como um objeto de análise, utilizarei como principal referência teórica a obra de Vera Alberti, *O Riso e o risível na história do pensamento* como principal norteador de minha pesquisa, pois seu trabalho parte de uma perspectiva histórica, de como o estudo da comicidade foi pensada desde Platão até os dias atuais. Haverá também outros autores que serão citados, como Shaftesbury, Schopenhauer, Darwin, Freud, David Benatar.

2. A NECESSIDADE DE ENTENDER COMO OCORRE O RISO: AS TRÊS PRINCIPAIS CORRENTES TEÓRICAS DO RISO.

O riso foi objeto de curiosidade e estudo de filósofos, desde Platão a pesquisadores da contemporaneidade. Acredita-se que, do século XVII ao XIX, devido a características das teorias dos pensadores, podemos agrupá-los em três correntes principais das *teorias do riso*, ou *teorias do humor*. A primeira delas é a *Teoria da superioridade*, sendo um dos seus principais expoentes, Thomas Hobbes (1588 - 1679). Com a virada do século XVIII, surge uma nova corrente teórica que trará uma divergência na compreensão do riso conhecida como *Teoria da incoerência*, ou *Incongruência*, tendo como seu principal expositor Immanuel Kant (1724 - 1804). Outros grandes expoentes de teorias compatíveis com a *Teoria da Incongruência* são Shaftesbury (1671 - 1713), Arthur Schopenhauer (1788 - 1860) e Herbert Spencer (1820 - 1903).

Ao final do século XIX, com os avanços das ciências naturais e dos estudos da mente humana, também teremos, por último, o surgimento de uma terceira teoria, que é a do *Alívio Psíquico* ou somente do *alívio*. O principal expositor conhecido desta corrente teórica é o pioneiro da psicanálise, Sigmund Freud (1856 - 1939), porém, não foi o único, e talvez, por conter um grande peso na psicanálise moderna e na psicologia, outros autores acabam passando batidos como o próprio Spencer. Este, por sua vez é comumente encaixado na teoria da incongruência - mas há alguns aspectos na teoria de Spencer que poderia qualificá-lo na corrente teórica do *alívio psíquico* também. Concomitante aos estudos de Freud, surgem também as pesquisas científicas de Darwin, autor de *A origem das espécies* (1859), que por sinal, foi muito influenciado pelos estudos de Spencer. As teorias em si não são completas, mas todas abrangem em algum ponto a explicação do riso.

A *teoria da superioridade* hobbesiana é muito conhecida na literatura, e segundo este filósofo, nós rimos porque sentimos “uma glória repentina”, o riso é concebido em frente à doença, desgraça e fragilidades alheias, logo para Hobbes o riso é intrinsecamente associado às paixões humanas. Então este tipo de riso é provocado pela situação de inferioridade do outro, por isto o riso de alguém é uma glória repentina, é uma forma de se sentir superior¹, “A paixão que, para Hobbes, suscita o riso são o *orgulho* ou a *glória* que experimentamos ao percebermos subitamente nossa capacidade ou superioridade” (ALBERTI, 1999, p. 125). Exemplo de uma situação em que ocorre este tipo de riso: quando alguém escorrega ao pisar em uma casca de banana e cai com os glúteos no chão. A teoria de Hobbes é ótima para explicar o riso decorrente de personagens bufões como glutões, bêbados e loucos, como os que estão presentes nas obras de Miguel de Cervantes e nas de Nikolai Gogol. É evidente que rimos dos defeitos dos personagens como o Dom Quixote, que tem como mal a loucura, e ao leitor, embora seja ficcional, pode gozar de uma suposta superioridade em relação aquele ser em atos de delírios. No entanto, a teoria da superioridade não é o suficiente para explicar outros aspectos do cômico, como em casos do humor *nonsense* tão presente nas obras de Lewis Carroll ou em situações que gargalhamos de nossos erros, ou seja, quando somos nós mesmos as vítimas de nosso riso de deboche. Estaríamos nestes momentos passando por uma glória repentina, rindo de nós mesmos? De certa forma sim. Quando gargalhamos após escapar de uma queda causada por um tropeço, estamos sentindo uma *glória repentina* por termos enganado o perigo, às vezes até a morte; isto a teoria de Hobbes explica bem – e torna mais completa, como veremos a seguir, com a teoria do alívio. Mas quando rimos ao falar uma palavra de forma errada, e pensamos: “como fui burro”, do que estaríamos rindo, da nossa suposta estupidez? Realmente, a teoria não abarca todas as manifestações do riso humano, mas ela é parcialmente válida.

De acordo com Hobbes, rir muito dos defeitos dos outros, ou de situações em que uma pessoa se encontra em posição de fragilidade é um signo de pusilanidade, porém, sabendo-se que sua teoria só abarca o riso advindo do sentimento de superioridade, e não os outros tipos de riso. Sendo riso algo devasso por

¹ Há parágrafos sobre a “natureza humana” no *Leviatã* (1651)

natureza, Hobbes determina que pessoas de espírito elevado não possuem a necessidade de rir, e, sucintamente, desqualifica o riso para adequá-la na sua afirmação que “o homem é o lobo do homem”², pois em algum ponto já rimos ou vamos rir de *inferioridades* alheias, como de orelhas grandes demais, de narizes de tamanhos anormais, de pessoas de baixa estatura, de pessoas magras demais, gordas demais ou estúpidas demais etc. No entanto, por exemplo, é raro alguém que se preze a rir de alguém que chora por luto, nestes momentos a empatia pela dor do outro é o sentimento mais forte.

Outros autores, por insatisfação desta teoria - como vimos, ela não cobre toda a explicação do fenômeno do riso - desenvolveram teorias para além da explicação hobbesiana. No século XVIII, Anthony Ashley Cooper, o 3^a conde de Shaftesbury publica dois ensaios importantes para o debate do *reillery*³, o *Concerning Enthusiasm to Lord Somers*(1708) e *Sensus Communis, an Essay on the Freedom of Wit and Humour* (1709). As obras em si não constituem uma teoria do riso, são manifestos a favor da liberdade de emprego do ridículo como forma de desmascarar as imposturas e as superstições. Para entender o pensamento de Shaftesbury, podemos consultar a sua última carta, e nela há a informação que afirma haver uma verdade, e esta verdade é o princípio fundamental que governa o mundo, a razão é algo que segue este princípio fundamental, e o emprego do teste do ridículo seria uma forma de testar uma hipótese, pois se a razão faz parte deste princípio fundamental que é a verdade, nada pode contra à razão, então o *reillery* é uma forma de testar a força e a veracidade da hipótese. Se esta for racional e verdadeira, logo ela não poderá ser ridícula e poderá estar sujeita ao *reillery* como teste de veracidade. Seu ensaio é uma defesa do emprego do ridículo que somente se manifestaria na ausência de racionalidade. Como vemos a seguir, em uma passagem na obra de Shaftesbury.

O que se pode ser mostrado sob certa luz é questionável. A verdade, supõe-se, resiste a todas as luzes, e uma das principais luzes ou meios naturais pelos quais as coisas devem ser vistas, a fim de haver um reconhecimento completo, é próprio ridículo, ou aquela forma de prova pela qual discernimos tudo que é sujeito ou apenas à zombaria (*reillery*) em qualquer assunto. (SHAFTESBURY, 1709, p.40)

Podemos dizer que, de forma coesa, Shaftesbury, antes mesmo de Kant, é o primeiro fazer uma correlação entre razão e riso, e não em relação às paixões do espírito como Hobbes, fazendo dele, o primeiro a propor, indiretamente, que o riso poderia ser causado por uma *incoerência* - o riso causado por um defeito que a razão humana consegue captar.

O principal aspecto da teoria da incoerência é o conceito que parte de um fundamento de que uma espécie de expectativa, montada pela a nossa razão, foi frustrada de forma repentina. Kant alegava que o riso advém de uma mudança repentina de uma grande expectativa para o nada. Em Schopenhauer, esta reflexão se encontra na sua *magna opera*, *O mundo como vontade e representação* (1818 - 1884) dividida em quatro volumes, e é aqui é apresentada a sua concepção ambivalente entre *vontade* e *representação*. “A explicação do riso tem um lugar preciso: rimos da incongruência entre as duas formas de representação pelas quais aprendemos o mundo, ou, mais especificamente, pelas quais o mundo é, já que ele só existe para o sujeito.” (ALBERTI, 1999, P. 172).

De acordo com Schopenhauer todo o humor pode ser traduzido por estes dois aspectos presentes: o aspecto elevado e inquestionável, e um aspecto inferior imprevisível, esta seria sua fórmula básica para se fazer rir. A situação ou o objeto que nos faz rir é resultado de nada mais que uma afirmação primária, que aparentemente se torna para razão algo previsível, porém, esta razão é surpreendida por um fato, que não fora percebido antes, que geralmente é de aspecto inferior a expectativa criada pelo o observador; ou seja, o aspecto *inferior e inesperado*. Contudo, Schopenhauer só leva em consideração o aspecto intelectual do humor, pois para ele o riso ocorre de um prazer de encontrar conexões inferiores e inesperadas entre a apresentação de conceitos. Como por exemplo: um homem estranho, que possui um porte físico forte, aparece para lhe fazer uma pergunta – aí temos uma espera de uma expectativa, a voz do homem deve ser grave, consonante com seu vigor físico - em seguida este homem musculoso e viril ao falar deixa escapar um timbre de voz agudo semelhante à de uma criança – momento que demonstra inferioridade e o inesperado, a voz fina incongruente com o porte físico do homem. Assim é retratada a incongruência em Schopenhauer.

Para Spencer o fator principal que leva ao riso é apresentado em sua teoria por dois tipos de incongruência: a *incongruência ascendente* e a *incongruência descendente*; a primeira causa a sensação de

² Do termo original, *Homo homini lupus*.

³ Segunda a definição de Shaftesbury, *reillery* pode ser definido como riso de zombaria.

admiração, e podemos ver a descrição fisiológica desta sensação, claramente, nesta passagem de Spencer sobre a *incongruência ascendente*.

Quando, depois de algo muito insignificante, aparece, sem previsão, algo verdadeiramente elevado, resulta a emoção que chamamos de admiração, e essa emoção é acompanhada não por um excitação de músculos, mas por um relaxamento deles. Os músculos relaxam, continua Spencer, por causa da necessidade suplementar de energia na atividade mental, o que implica uma diminuição temporária de seu fluxo em outras direções. É por isso, aliás, que a boca se abre e que alguns deixam cair objetos das mãos quando são tomadas por admiração. (1860, apud ALBERTI, 1999, p. 178.)¹

O segundo tipo de incoerência, a descendente e que resulta no riso, pode ser explicada pelo fato de que perante a um evento percebido por nossos sentidos, a nossa *energia nervosa* vai se conduzindo através de um caminho com várias “portas” seguidas - é como se uma porta fechasse e em seguida abrisse uma outra para a passagem desta energia nervosa, e assim sucessivamente dando continuidade ao processo cognitivo que gera o sentimento e o pensamento. Quando nos deparamos com alguma coisa que frustra repentinamente as nossas expectativas, ocorre um bloqueio súbito nesta passagem porque uma das “portas” se fecha. A energia nervosa acaba ficando retida e acumulada, pois a porta a seguir estava a espera pela expectativa criada por nós, e que não ocorre, por causa da interrupção. Como o caminho está fechado por uma destas portas é necessário que o corpo se desfaça, imediatamente, do acúmulo de energia liberando-a através de outros canais nervosos, destinados ao movimento de nosso corpo, em forma de espasmos, que terminam nos músculos da boca, língua, rosto e diafragma, resultando no sorriso e na gargalhada. Como podemos ver a seguir neste trecho.

Mas agora, essa grande quantidade de energia nervosa, em vez de ser autorizada a gastar-se produzindo uma quantidade equivalente de novos pensamentos e emoções que estavam nascentes, é repentinamente freada em seu fluxo. Os canais ao longo dos quais a descarga estava prestes a correr estão fechados. (...) O excesso deve, portanto, descarregar-se em outra direção, e, conforme já explicado, [disso] resulta um efluxo através dos nervos motores para várias espécies de músculos, produzindo as ações semiconvulsivas que denominamos riso. (1860, apud ALBERTI, 1999, p. 179)²

Este fenômeno descrito por Spencer pode ser exemplificado por um evento tal como uma peça de teatro, por exemplo, *Romeu e Julieta* de Shakespeare. Ao desenrolar da trama estamos à espera de um desfecho contendo uma cena com um final trágico, ou seja, estamos esperando pela sensação da incongruência ascendente, que gera sentimentos fortes, porém, inesperadamente, uma cabra que estava sendo usada em cenas anteriores, se desprende dos bastidores e aparece em meio a cena do suicídio do casal. De certa forma, em sua teoria Hebert Spencer soa parecido com a teoria do alívio psíquico, como veremos a seguir, ainda sim, em seu trabalho há características bem semelhantes à ambivalência entre *vontade* e *representação* vista em Schopenhauer, e a razão como premissa para a causa principal do riso.

Por enquanto, dos principais teóricos do riso que citei, todos relacionam o ato de rir à razão humana. Existe uma outra visão que explica o fenômeno do riso, tomando como ponto de partida a outra parte da mente humana não tão condicionada à nossa capacidade de racionalização, esta forma de entendimento do riso é explicada pela *teoria do alívio psíquico*. A teoria toma como tese principal a relação entre *imposição social* e a necessidade do riso como uma forma de alívio da psique humana através de nosso inconsciente, perante situações de estresse, ou de repressão social. Uma situação que contem obscenidades não é algo difícil de ser julgado pela moralidade, que é regida pelo consciente. Como no caso que exemplifiquei acima, na introdução: as narrativas de cunho preconceituoso não são difíceis de se julgar erradas, entretanto, quando deslocamos para dentro da ficção, como um filme de comédia, um *stand up show*, uma piada, a narrativa contendo um tema preconceituoso - a zombaria do estereótipo - se torna algo de complicada tarefa de se julgar pelas mesmas pessoas que entendem como incorreto as mesmas coisas presenciadas em situações do cotidiano e fora do contexto ficcional. A teoria do alívio não pressupõe um defeito de caráter ou incoerências que a razão humana capta para a causa do riso, e sim, uma profunda necessidade humana de um relaxamento momentâneo perante uma realidade que gera, a todo momento, constrangimento às pulsões do indivíduo, por isto o uso do termo alívio é bem aplicado. Entramos no campo da explicação do risível que tem como pilar principal a “desrazão” humana, porém, que pode ser explicada por uma análise racional.

¹ SPENCER, Hebert. *On the physiology of laughter*, 1960.

² SPENCER, Hebert. *On the physiology of laughter*, 1960.

Esta teoria surge graças aos estudos de Spencer, que influenciou Sigmund Freud, e esta teoria corrobora para conceitos dos estudos sobre a mente do psicanalista, de *pulsão, id, libido, ego, superego, recalque* etc. Conceitos tão presentes nas obras de Freud como *A interpretação dos sonhos* (1900), *Totem e tabu* (1913), *o Mal-Estar da civilização* (1930). Para Freud o riso no contexto humorístico é uma forma de enganar a “censura” do *superego*, assim como o sonho é uma expressão do inconsciente na tentativa de enganar-lo. De acordo com João Fernandes Teixeira, Phd em filosofia pela a University of Essex (Inglaterra), a teoria de Freud consiste na afirmação que o chiste (a piada) é um mecanismo pelo qual liberamos impulsos socialmente reprimidos, que estão frequentemente atrelados ao sexo e à agressividade humana. Através destas piadas expressamos o que não temos coragem de falar, ou seja, proposições machistas, racistas, xenófobas e assim por diante.

É bem provável que as coisas que são consideradas *tabu* em nossa sociedade, se não a fossem, não poderíamos rir delas, pois não faria o menor sentido rir, simplesmente não ocorreria o *chiste*, de acordo com a concepção freudiana. Por exemplo: se não fosse um tabu em sociedade expor nossas partes de pudor, dificilmente poderíamos rir de alguém que, por deslize, deixou suas calças caírem em meio a uma populosa praça pública. Se estar nu em público fosse visto pela a sociedade como algo dentro da *norma social*, ninguém poderia rir de algo tão banal. Assim como expelir flatulências e gases produzidos pela digestão humana, fato tão natural e banal, no entanto expelir tais gases em público é considerado um tabu, e quando o fazemos isto suscita os risos; e caso for uma mulher a fazer - como a repressão social é maior sobre as mulheres - os risos serão mais intensos. Isto se torna mais evidente quando ocorre tal situação em desconcertante em meio a um evento cerimonioso. São fatos banais, mas em grande parte das situações quando ocorrem geram risos.

Para Darwin, as causas prováveis do riso são tanto da incongruência quanto a superioridade. “Algo incongruente ou inexplicável, excitando-se surpresa e algum sentido de superioridade naquele que ri, o qual deve estar em uma disposição feliz de espírito, parecem ser a causa mais comum” (1872, apud, ALBERTI, 1999, p. 181.)¹ O estudo do riso em Darwin está presente no seio de sua teoria da evolução das espécies, em que é apresentado a tese de que todos os seres humanos possuem uma ascendência em comum - o que já sabemos que é um fato - pois para Darwin a expressão do riso ultrapassa o gênero humano, sendo assim, nossos ancestrais primitivos também podiam rir. Vemos aqui uma quebra da tradição do pensamento sobre o riso da exclusividade da competência humana, como afirmava Aristóteles, que o ser humano é o único animal que ri. Realmente, sob a luz dos estudos da evolução do homem, é difícil afirmar que algo tão impulsivo quanto o riso tenha surgido há cerca de somente 200 mil anos – o tempo que cientistas estipulam para o surgimento de nossa espécie, o *Homo sapiens*. Darwin descreve bem em sua observação a seguir.

Podemos crer que o riso, como um signo de prazer (*pleasure*) ou alegria (*enjoyment*), era praticado por nossos progenitores muito antes que merecessem ser chamados humanos, porque vários tipos de macacos, quando contentes, articulam um som reiterado, claramente análogo a nosso riso, frequentemente acompanhado de movimentos vibratórios de suas mandíbulas ou lábios, com os cantos das boca puxados para baixo e para cima, com o enrugamento das bochechas e até com o brilho nos olhos. (1872, apud, ALBERTI, 1999, p. 182)²

Darwin articula sobre a sucessão das expressões humanas que ao longo da evolução, segundo ele, seria bem provável que o riso tenha sido umas das primeiras expressões adquiridas em nossa ascendência, ao lado do medo e da raiva. De acordo com Verena, ocorre uma dissolução do significado conceitual do riso no pensamento darwiniano, pelo o seu estudo de linha neutra, e devido ao empirismo imparcial presente em suas obras de cunho científico. Parte da definição do riso - a causa - perde importância, porque pode ser resultado de várias situações, de causas tão diversas como a superioridade, a incongruência, o alívio a alegria e a surpresa. A exposição de Darwin a respeito do fenômeno se assemelha a de Spencer; a sua explicação fisiológica para explicar o riso, no entanto vai mais longe ao agrupar diversos fatores que causam o riso, incluindo a explicação naturalista e evolucionista. Recapitulando, desde Hobbes até os estudos que citei, a causa do riso é deixada de ser tratada como uma simples paixão humana, um vício do espírito; passa a ser tratada como algo inerente a razão humana nós século XVIII e XIX e ao final do século XIX vai deixando de ser tratada como algo conceitual e que é causado por um único fator, e que pode ser explicado por uma fórmula única, se tornando agora um fenômeno natural passível de estudo científico, intrinsecamente ligado ao inconsciente, à nossa fatídica natureza humana, mas sem deixar de lado as considerações que podem ser vinculadas à razão humana.

¹ DARWIN, Charles, *The expression of the emotions in man and animals*, 1977.

² DARWIN, Charles, *The expression of the emotions in man and animals*, 1977.

3. UMA BREVE HISTÓRIA DO PENSAMENTO SOBRE O RISO E A COMICIDADE NO SÉCULO XX: HENRI BERGSON E VLADMIR POPP.

Outros dois pensadores do século XX que debruçaram suas pesquisas sobre a temática do riso, o risível e a comicidade, e que não posso deixar de citar neste trabalho são: Henri Bergson (1859 – 1941) e Vladimir Propp (1895 – 1970). O primeiro é bem conhecido e influente na atualidade, nos estudos do cômico, das artes cênicas. O segundo é um filólogo soviético, não tão conhecido quanto Bergson, mas deixou uma obra exclusivamente dedicado aos estudos da *comicidade* e o *riso*.

Bergson publica uma série de três artigos na *Revista de Paris* em 1899 reunidas em um único livro publicada em 1901, *O Riso*, apesar de ser uma das obras mais conhecidas e citadas nas pesquisas sobre o tema, muito do que está escrito em Bergson não é de exclusividade de sua autoria, pois há dados anteriores que comprovam que tais temas já foram colocadas por outros autores no passado. A exclusividade do crédito que Bergson acaba por ganhar é devido ao sucesso e contemporaneidade de sua obra, como aponta Verena no trecho abaixo, em seu livro. Embora seja uma obra relativamente nova, há pontos ambivalentes em sua teoria que passam despercebidos pela maioria dos leitores. Há outras teorias que parecem mais antigas que as de Schopenhauer, sendo que Bergson retoma a definição puramente negativa do riso, sendo este definido não somente como um fenômeno, mas agora com um propósito de ser uma ferramenta, primordialmente, de correção social.

Pode-se dizer que Bergson redescobre o que era a voz corrente há mais de um século na discussão sobre o ridículo e a utilidade de sua aplicação. Cômico e riso, para ele, são, respectivamente, um desvio negativo e sua sanção funcional que restabelece a ordem da vida e da sociedade (ALBERTI, 1999, p. 184)

Para este filósofo não é no terreno do entendimento teórico que se deve buscar o conhecimento do riso, deve-se buscar na sociedade. Para Bergson, o cômico se opõe à *graça*, justamente o que já foi tratado por outros filósofos e estetas, como Aristóteles, Kant, Goethe e Schopenhauer que definem o riso como uma manifestação mais baixa em relação ao sentimento do *sublime*, e de acordo com Bergson, tudo está vinculado a uma fórmula.

Quando a alma, a graça e a força mais racional se distraem, a matéria, a natureza e a rigidez aparecem, desencadeando o efeito cômico, o mecânico não é, portanto, simplesmente automático ou superficial; ele se torna subjacente e tão fundamental quanto a natureza, chegando à superfície após um momento de distração da alma. (ALBERTI, 1999, P. 187)

O termo *mecânico sobre o vivo* pode ser expressado pelo vivo sendo como a realidade, e o mecânico sendo o que se espera, ou deve-se fazer. A comicidade surge quando o vivo (realidade/ natureza) se mostra mais forte e evidente do que o mecânico (projeto). Se caso esta manifestação do vivo se tornar mais forte, e o indivíduo a ignora dando continuidade ao mecânico, o resultado gerado será o riso - é o que Bergson chama de distração. Como por exemplo, em uma palestra solene em que um orador está falando e gesticulando de um modo contínuo e *mecânico*; uma mosca aparece para importunar o orador, este por sua vez, ignora a presença da mosca por um momento dando prosseguimento com sua apresentação, à sua fala e seus gestos *mecânicos*. A mosca insiste em pousar no nariz do orador, sendo ele obrigado a parar para matar a mosca. Esta interrupção brusca no momento solene poderá ser seguida de risadas dos ouvintes, e tal cena que é considerada cômica poder ser explicada por esta fórmula do *mecânico* sobre o *vivo*. O mecânico é a pessoa tentando dar prosseguimento a um plano, que é o discurso, e o vivo é a mosca importunando o orador, sendo que a conclusão mais óbvia seria matá-la, e não ignorá-la, esta solução se mostra óbvia quando o nível de perturbação da mosca chega ao seu ápice, quando ela pousa em seu nariz. Neste caso, o conflito entre vivo e mecânico se dá pela a insistência da mosca, e pela a insistência do palestrante em querer continuar seu *projeto*, mesmo em vista que há algo natural, mais forte, tentando interromper a sua ação, logo após ocorre o *deslize* do público, que presenciam a mote da mosca executada pelo locutor. Nota-se aqui uma relação nítida, do riso com a razão humana: o projeto *mecânico* engendrado pela a razão, sendo interrompida por algo externo e mais forte, a natureza, e o deslize que a capta. A ferramenta social de correção que o riso proporciona é devido ao vivo que se direciona ao mecânico, e o riso visa corrigir para de volta ao vivo. É a mecanização do vivo que torna algo engraçado - o mecânico sobre o vivo.

Contudo, apesar desta fórmula dual ser defendida por todo ensaio de Bergson como absoluta, em alguma parte de seu livro ele deixa escapar uma afirmação que contradiz a sua fórmula, e que o riso tem como fator principal a correção social. Vemos em Bergson, o riso sendo colocado como uma forma de relaxamento, algo semelhante já vista em Freud e em Spencer, sendo assim, o riso não possui somente a função de correção. Vemos isto em sua definição da introdução do *riso do absurdo* em que o riso é apresentado desta forma. No entanto, esta afirmação de Bergson faz parecer que sua fórmula básica do mecânico sobre o vivo se perca como proposta absoluta. Verena Alberti ainda tece algumas críticas a Bergson, e aponta esta possível ambiguidade em seu trabalho, como podemos ver no trecho a seguir.

Observa-se, contudo, que, malgrado a intenção declarada, o ensaio é atravessado por uma fórmula geral na qual o riso *deve* ser alocado: ele é a correção do mecânico que se aplica ao vivo como uma força anti-social [sic]. Ao mesmo tempo, vê-se como a fórmula deixa escapar, como que por distração, asserções que podem levar ao oposto de sua intenção: o riso não seria correção, mas distração, e cômico não seria negativo, mas decorrente de uma natureza mais profunda das coisas. (ALBERTI, 1999, p. 193)

Esta fórmula geral, com um conceito que se apresenta através de uma dualidade, para explicação para o riso, realmente já foi apresentada por Schopenhauer, lógico que, o conceito dual de Schopenhauer tratava-se da *vontade e representação*.

Vladimir Propp é um intelectual do movimento estruturalista, e sua pesquisa sobre o cômico de baseia em análises de obras do folclore e clássicos da literatura russa, como as obras de Gogol; Propp também era especialista em literatura germânica. Suas críticas se direcionam aos filósofos anteriores, como Kant e Schopenhauer, pois de acordo com ele, possuem teorias puramente dedutivas. Propp propõe um estudo mais sério, baseado em uma metodologia indutivista: factual e realista. Também é grande crítico das teorias estéticas germânicas do cômico: do *trágico* e o *sublime*, visto no romantismo alemão, como o cômico é colocado como algo abaixo do *sublime*. Sua intenção é clara, sua preocupação é definir o cômico como tal, sem relativizar com a estética do *sublime* ou do *trágico*, estudando-o de forma pura e isolada. A sua obra que aborda, de forma enfática o tema, é *Comicidade e Riso* (1976).

Propp critica também, a divisão do cômico entre baixo e alto, por ser, de acordo com ele, uma visão típica da filosofia do século XVIII e XIX burguesa, como é visto em Kirchmann - que não foi citado neste trabalho - que divide o cômico entre *cômico-fino* e *cômico-grosseiro*. Sua intenção em descartar o conceito de cômico polarizado, entre baixo e alto, parte do pressuposto que se descartaria uma boa parte dos clássicos que poderiam ser definidos como “cômico baixo”. Propp diz que existe um componente do riso principal, e que é apontado em suas pesquisas, é o riso de zombaria, sendo este importantíssimo para compreensão das obras literárias. Este tipo de riso está muito presente nas sátiras e nas caricaturas, e também é o tipo de riso mais encontrado no cotidiano. Vemos isto em uma análise em seu livro de um quadro de Ilya Yefimovich Repin.

Se observarmos o quadro de Repin que representa os cossacos de Zaporójie escrevendo uma carta ao sultão turco, veremos como é grande a variedade de nuances de riso expressa para o leitor – desde a risada ruidosa e fragorosa até o esgar maldoso e o sorriso sutil que mal se percebe. Porém, é fácil compreender que todos os cossacos representados por Repin riem um único tipo de riso, precisamente o riso escarnecedor de zombaria. (PROPP, 1992, p. 29)

Outro ponto que chama a atenção de acordo com o mesmo autor, é que geralmente se ri mais da semi-indecência, do que se ri da indecência pura: quando não se deseja ser indecente, porém, se comete um deslize¹, ou seja, quando não há grande intencionalidade em fazer rir, mas justamente o oposto, mas por algum deslize este conflito entre o que deve-se fazer (projeto) e a realidade (natureza) se apresenta de forma gritante ao homem, a natureza sendo maior perante a seu projeto, e tentativa do homem forçar o vivo ao mecânico, como visto em Bergson.

Contudo, como afirmei anteriormente em meu trabalho, Propp também afirma que “o riso é incompatível com um dor interna e autêntica. Deste modo o riso torna-se impossível se percebemos no próximo um sofrimento verdadeiro, e também acabamos compartilhando deste sentimento. E se apesar disso alguém ri,

¹ Vemos aqui, como em Bergson, o riso como o resultado de algo maior, a própria natureza perante a um mecanismo moral - natureza sendo mais forte que o homem, mesmo que este tente parecer ser mais forte, e na contramão, o que se faz é forçar o vivo ir em direção ao mecânico.

sentimos indignação, esse riso atestaria a monstruosidade moral de quem ri” (1992, p.36). Até este ponto podemos confirmar que a censura contra o riso não está no campo da moralidade ou da ética, mas sim, primeiramente no próprio sentimento humano, o sentimento de empatia por uma dor verdadeira por exemplo, que quando mais forte, impede o ser humano de rir. A dor verdadeira a qual Propp se refere não é um sentimento de repulsa de alguém de ver seu código moral violado por alguma representação cômica, como o caso de um desenho de Maomé feito por um chargista, ele está falando sobre a dor profunda da perda de entes queridos em frente a um acidente trágico, em que a vida de um filho, pessoas jovens, são ceifadas tão cedo. É uma dor absoluta que pode ser sentida por todos, independentemente de credo, etnia conceitos históricos e preceitos socioculturais. Não é a dor que depende de um ensinamento moral para ser sentida, ela simplesmente é natural e interpessoal, assim como o riso.¹

4. EM QUE A COMICIDADE PODE CONTRIBUIR NA SOCIEDADE, E O QUE ELA PODE DIZER SOBRE O CARATER DOS INDIVDUOS.

Até aqui já vimos as principais correntes das teorias do riso, desde de filósofos, um psicanalista, um filólogo e até um naturalista. Temos por base que a necessidade humana de fazer comicidade possui fortes origens naturais, sendo que, de acordo com Darwin, outros hominídeos extintos do gênero *Homo* poderiam *rir como signo de prazer*. Mas no campo de nossa existência de nossa dimensão cultural, seria a comicidade libertina nociva para a sociedade?

É comum alguns jornalistas, figuras políticas e até mesmo alguns acadêmicos utilizarem como argumento principal, contra um tipo de comicidade, a alegação que as piadas com estereótipos sociais possam contribuir para a própria manutenção do preconceito contra determinados indivíduos na sociedade, no entanto é difícil concluir que algo que é visto como ridículo e que não é levado a sério pela maioria, de alguma forma, possa contribuir para a manutenção de tais problemas sociais. Ora, as próprias piadas são ridículas, por que algo ridículo tem a propriedade de manter *status quo* nas sociedades? O que mantem o preconceito vivo na sociedade são os próprios mecanismos de relações injustas de poder encontrados na realidade; seja nas instituições do Estado, nas diferenças de classe social, nas divisões de trabalho e etc. Nestes casos é sempre as piadas são superestimadas, e veremos do porquê.

Como dito no documentário que motivou este trabalho, com a união e o ganho de força de movimentos sociais, parcelas das sociedade antes oprimidas e silenciadas, agora possuem voz para aclamar por justiça e igualdade de direitos, e como consequência destas conquistas, se voltam contra o tipo de humor que utiliza das piadas que coloquem as imagens estereotipadas de determinadas figuras em uma situação de *ridicularização*, e o argumento consensual é o mesmo: piadas com os estereótipos de determinado gênero que utilizam de certas figuras de grupos sociais historicamente oprimidos, podem contribuir para a manutenção do preconceito na sociedade, no entanto esta afirmação se esvai com os seguintes exemplos de piadas com *estereótipos*: as piadas sobre portugueses são contadas há anos em nosso território, e quanto isto contribuiu para a construção de um sentimento xenofóbico contra portugueses em nosso país? Em praticamente nada. Piadas sobre loiras são tão populares quanto as de portugueses, e qual preconceito mulheres loiras sofrem por serem loiras? Nenhuma, muito pelo contrário, ainda são vistas como referência estética, tanto é que, muitas mulheres morenas de nosso país, miscigenado, com fortes influências do sangue latino-ibérico, clareiam seus cabelos em um procedimento estético para ficarem deste modo. Poderiam afirmar que, em ambos os casos citados até aqui, são exemplos de grupos sociais que nunca foram historicamente oprimidos, e no caso dos portugueses, que durante anos, desde a descoberta deste território, foram os “opressores” devido a relação imperialista da Cora Portuguesa com o Brasil até a independência política do país. Contudo, há outro exemplo que pode ir contra o argumento de que as figuras historicamente não oprimidas seriam imunes a uma possível manutenção do preconceito, pois isto seria somente possível com parcelas sociais que foram historicamente oprimidas, e são somente sobre estes grupos que as piadas estereotipadas poderiam reforçar preconceitos sociais, de fato é um

¹ De certa forma, o cômico está condicionado ao sentimento humano, ainda assim, tomar como referência os sentimento de mágoa de alguém para traçar o limites éticos para cômico não é aconselhável. Hora os sentimentos de mágoa são puramente subjetivos, e dependem mais da interpretação dos sujeitos que presenciam o objeto, do que o objeto é em si é. Hora ocorrem os sentimentos que eu chamaria de mágoa verdadeira, ou legítima, porque pode ser sentida, quase que unanimemente, pela a maioria das pessoas como a perda de um parente. É possível para a comédia se utilizar do sentimento das pessoas para limitar a piada, o que pode ser feito perante uma plateia para possuir conteúdo risível, mas não para a Filosofia para traçar limites verdadeiros.

pensamento que faz sentido, mas a realidade não colabora para esta afirmação. Existem piadas, contadas aos montes, que possuem um conteúdo que envolvem deficientes físicos de todo o tipo em suas narrativas; embora tais gracejos arranquem risos das pessoas, à medida que a nossa sociedade avança na conquista por direitos e justiça, o nosso habitat público é constante alterado para adaptar o ambiente urbano para a inclusão social de tais cidadãos, como os ônibus adaptados para cadeirantes, rampas e elevadores de acesso e calçadas para deficientes visuais etc. Ainda acredito que tenha muito a ser feito para a melhoria da qualidade de vida destas pessoas, mas as piadas com estereótipos raciais, ou sobre deficientes físicos, que são contadas por um comediante em um show de *stand up comedy*, ou em um bar, pouco interferem nas políticas públicas de inclusão, pouco interferem na realidade concreta dos indivíduos. As relações que reforçam preconceitos, estão além das possibilidades da comicidade

E será que tais piadas contadas por certas pessoas poderiam dizer algo sobre a personalidade delas? Novamente, se as pessoas pensam que a partir de tais gracejos podemos concluir o caráter de alguém, estão enganados, pois certas piadas podem ser ditas e apreciadas por quem compartilha de uma crença do que está sendo dito ali, e muitas das vezes não. Goethe diz que: "nada melhor descreve o caráter dos homens do que aquilo que eles acham ridículos", no entanto, em muitos momentos não podemos medir o caráter de alguém pelo que a pessoa ri. Quando estas piadas são contadas, geralmente as pessoas riem do estereótipo, e não do negro, do deficiente ou do obeso, não da pessoa em si. De acordo com David Banatar, professor do departamento de filosofia da Universidade de Cape Town, África do Sul, se uma pessoa conta uma piada ou ri sobre o estereótipo, isso não faz dela necessariamente alguém com defeito moral e de caráter, mas sim alguém capaz de entender a representação estereotipada de certos grupos da sociedade e ri deles. Há uma hipótese do porquê pessoas podem rir de citações consideradas trágicas, que segundo Banatar, pode advir também de sua capacidade em sentir muita empatia, e uma profunda necessidade de se aliviar da consciência destas tragédias, como podemos ver a seguir.

As piadas que atiram aos estereótipos não parecem sempre ser uma expressão de um defeito naqueles que apreciam as piadas, assim as piadas sobre o feio ou o inválido, ou sobre violência, estupro ou morte, não parecem sempre surgir de insensibilidade ou crueldade na pessoa dizendo ou desfrutando de tais piadas. Tais vícios podem explicar por que algumas pessoas gostam de piadas desse tipo, mas para outros a apreciação de tais piadas é explicada de outras maneiras. Para algumas pessoas, ele surge de traços de caráter opostos. É justamente por causa de suas sensibilidades ou ansiedades sobre os sofrimentos e infortúnios que eles buscam alívio despreocupado sobre esses assuntos sérios. (BENATAR, 2016, p.3)

O autor cita o famoso exemplo do velho que diz: "Quando eu acordo de manhã, a primeira coisa que faço é estender os braços. Se eu não bater na madeira, eu me levanto." (BENATAR, 2016, p. 3). Este exemplo não significa que o velho considera sua fatídica morte algo trivial, em vez disto, o que se nota é a tentativa através do humor de escapar de sua ansiedade da morte. Um pouco diferente da morte, que é algo natural e fatídico ao homem, tais gracejos com os estereótipos sociais pode advir desta necessidade de fazer humor, uma maneira de podemos lidar com o que é trágico, como citado por Benatar.

Quando as piadas são ditas sobre assuntos sérios, não estamos tratando esses assuntos como se eles não fossem sérios. Podemos rir do grave, e às vezes o fazemos precisamente porque reconhecemos que ele é sério. No entanto, dizer algo de brincadeira não é a mesma coisa que dizer-la seriamente. Na verdade, por vezes, uma piada, uma sátira ou alguma outra peça de humor são engraçadas precisamente porque nunca poderiam ser ditas com seriedade (sem exceder os limites da civilidade). (BENATAR, 2016, p. 4)

Isto pode explicar este tipo de riso, muito parecido com que já foi escrito aqui, que o riso seria uma tentativa do inconsciente enganar a censura, o *tabu social*. Também as pessoas podem rir de estereótipos porque tais figuras são construídas para serem cômicas, lógico, levando em conta o contexto social em que está presente, e não o contexto social em que foram construídos; o que importa o que se encontra no imaginário atual. Pouco importa se o alvo da piada é um oprimido pobre, ou um rei rico. O estereótipo é construído em cima de uma figura simbólica e marcante, e que representa tal grupo ou personalidade de forma exagerada, podendo ser uma figura religiosa, política, pública, ideológica, étnica ou, ao mesmo tempo, construído em cima de mais de um tipo de imagem - como os judeus por exemplo, que possuem o estereótipo montado em cima da religião, etnia e hábitos. O estereótipo, retratado nas piadas, é construído a partir de uma técnica de exagero de características que se baseiam em algum ponto, na realidade, mas de fato, o estereótipo na comicidade é um

exagero, enfim, como uma caricatura, um desenho que exagera na retratação dos atributos físicos de um indivíduo. Veja um exemplo de piadas envolvendo estereótipos contados por Banatar.

Um judeu, um escocês e um inglês jantam juntos em um restaurante. Após a refeição, o garçom aproxima-se deles e pergunta a quem ele deve apresentar a conta. O escocês diz: "Eu pago". A manchete no jornal na manhã seguinte se lê: "Ventriloquista" judeu encontrado morto no beco". (BANATAR, 2016, p.2)¹

A maioria das pessoas adultas, sabe separar bem um estereótipo, uma imagem satírica, exagerada e ficcional, da real representação. É por isto que as piadas com estereótipos de fonte preconceituosas não contribuem em praticamente nada para manutenção do racismo, do preconceito, das injustiças na sociedade, pois elas não passam de sombras da realidade, e neste caso, reflexos de algo que ocorre na sociedade, e o mecanismo de influência nas esferas não ocorre do humor (ficção) para à sociedade (realidade), e sim de forma contrária. Por exemplo, a violência não existe por causa de filmes violentos, os filmes violentos existem por causa da violência que existe na sociedade, assim também são as narrativas cômicas. Em se tratando de traçar uma estratégia dos movimentos sociais do combate às injustiças, atacar parte da comicidade de cunho libertino e irreverente, em analogia, afirmo que seria como atacar uma pessoa arremessando pedras em sua sombra. É algo improdutivo que, muito provavelmente, não resultará em conquistas concretas, a não ser em um desperdício de energia. As verdadeiras causas das injustiças sociais, como já dito estão na realidade concreta.

É lógico que existem pessoas, ainda que poucas, propensas a misturarem esta linha divisória entre *realidade e ficção*, *realidade e estereótipo*, *realidade e fantasia*, assim como pessoas que, ao assistirem filmes, confundem a fantasia com a realidade, e uma minoria, que foge à regra, se disponham à tentativas nocivas baseados nesta confusão. Vemos também que há uma adoção de características exageradas de outros grupos da sociedade como um recurso para zombaria, como Banatar novamente nos mostra.

Os judeus brincam sobre o antissemitismo, e os "negros" fazem piadas sobre o racismo. A dinâmica varia. Às vezes, um grupo que é estereotipado emprega piadas incorporando o estereótipo em uma tentativa de neutralizar a potência do estereótipo. Mais raramente, o estereótipo torna-se a ponta da piada. Considere o seguinte gracejo, que tem duas variantes. A variante judaica diz: Dois judeus estão andando por uma rua e veem um sinal em uma igreja dizendo: "Torne-se um cristão e ganhe US \$ 100". Eles não sabem o que fazer a respeito disto, mas decidem que um vai converter e vai compartilhar o dinheiro com o outro. O futuro converso entra na igreja. Depois de um tempo ele surge. Seu amigo lhe diz:

"Onde estão os meus US\$ 50?"

O novo cristão responde: "É tudo o que vocês pensam?". (BANATAR, 2016, p.6)

Uma variante da piada, uma versão envolvendo negros, se lê:

Dois "negros" estão andando por uma rua e veem um sinal em um prédio dizendo: "Torne-se branco e ganhe US \$ 100". Eles não sabem o que fazer a respeito disto, mas decidem que um vai se tornar "branco" e vai compartilhar o dinheiro com o outro. O potencial branco entra no edifício. Depois de um tempo ele surge. Seu amigo lhe diz:

"Onde estão os meus US \$ 50?"

O novo branco responde: "Vá arranjar um trabalho!" (BANATAR, 2016, p.7)

Ambas as piadas contém estereótipos racistas e comportamentais, são iguais, porém, só mudam a figura retratada, mas o propósito é o mesmo, e também faz gracejo com o estereótipo da figura preconceituosa. É bem provável que, a piada que causaria repulsa e revolta por parte de um grupo pertencente a uma militância, seria a segunda piada. Os judeus, embora tenham sofrido historicamente, por muito mais tempo, mais

¹ A piada contada acima não parece ser muito engraçada, pois o texto original estava em inglês, e talvez, no idioma original ela faça mais sentido e cause o *chiste*. Mas ela consiste em apresentar dois tipos de estereótipos étnicos em um contexto humorístico. O Judeu muquirana, e o escocês brigão e violento. Ambos são estereótipos bem vivos na cultura europeia, e em países que tiveram uma forte imigração destes povos. No original: "A Jew, a Scot and an Englishman have dinner together at a restaurant. After the meal, the waiter approaches them and asks to whom he should present the bill. The Scot says: "I'll pay". The headline in the newspaper the next morning reads: "Jewish ventriloquist found dead in alley"."

preconceito e opressões que os negros do Brasil¹, não passaram por aqui nem sequer um décimo do que os negros passaram nos 400 anos de escravidão. Devido a isto, vemos o relativismo moral de determinados pessoas se desabrochar, pois se utilizam do argumento que determinado grupo étnico foi historicamente oprimido no Brasil, e o outro não – de fato, os que sofreram historicamente mais neste território foram os negros, e não os judeus - logo é ofensivo fazer uma piada como a segunda, então não se deve fazê-la. Porém, ao recorrer a este argumento não estamos traçando normas éticas, e sim, simplesmente morais, pois estamos no baseando em conceitos subjetivos de alguém, e não em conceitos racionais. Se considerarmos que fazer piada com o estereótipo de tal grupo é errado, devido aos contextos históricos e por ter conteúdo ofensivo, também devemos considerar errado fazer piadas com o outro, pelos mesmo motivos, pois certamente é ofensivo fazer uma piada sobre o holocausto. Através deste filtro moral, talvez não deveríamos fazer piadas com estereótipo nenhum, ou quase sobre nada porque sempre as piadas correm risco de serem ofensivas. Esta moral se torna uma faca de dois gumes. É uma lógica fácil de perceber, e até de aceitá-la, mas ela deixa de lado a própria realidade, na qual podemos encontrar ambos grupos, independente da sua posições na “pirâmide social”, fazendo piadas entre si, e construindo novas formas de estereótipos para servir à zombaria. Se tal moralidade, repressiva e mal pensada, destinada a limitar o que poderá ser dito baseada na possibilidade de ofensa, as manifestações cômicas continuarão a existir e serem apreciados no meio vulgar, porque as piadas possuem uma essência irreverente e de contestação, e vão justamente de encontro aos tabus, e quanto mais repressivo o meio social, maior a chance da comédia apresentar características bufonas e obscenas.

Os estereótipos são utilizados como uma forma de gracejo, e servem para quebrar tabus sociais, e não para a manutenção deles. As piadas não são levadas tão a sério pela a média populacional, pois elas podem demonstrar o quanto estúpido é a afirmação desta ideia na realidade, por isto ela é *ridícula* (digna de risos). Também deve-se levar em conta que a piada possui uma narrativa própria, construída sobre uma lógica, a fim de dar sentido a frase. Não se ri do estereótipo isoladamente, mas sim do sentido que é dado a ele através da narrativa, pela a colocação da figura em um determinado contexto, que possui um local e um evento. Estas piadas servem para brincar com o próprio imaginário que determinadas pessoas possuem de tais figuras, e quando nos deparamos uma narrativa bem construída, que resgata tão bem esta figura imaginária, verossímil e caricata, que está alojada em nossa memória, acabamos por rir.

5. A DEFINIÇÃO DOS LIMITES DA COMICIDADE NO PALCO.

O propósito da comicidade, do humor, da piada, do gracejo, da zombaria é fazer com que as pessoas possam rir, de preferência juntas, porque rir é algo que geralmente se faz em meio social. Quando arriscamos a fazer um gracejo, mas esta ação não gera risos, muito pelo contrário, tristeza ou raiva, não estamos fazendo comédia, pois o efeito que o cômico tem por objetivo causar é o riso nas pessoas, que advém do prazer momentâneo. Se tentamos fazer humor, e em vez de alegria geramos sofrimento generalizado, falhamos como comediantes - até aqui podemos ver que a comicidade está condicionada, *a priori*, ao seu público, está condicionado a quem ri. Por exemplo: Uma piada sobre defunto contada em um bar pode ser bem engraçada, desde que se contada bem. Uma piada sobre defunto contada em um velório se torna difícil de ser risível. O próprio ambiente, o estado de humor das pessoas proporcionam se uma piada deve ser feita ou não. A morte é natural, mas as circunstâncias em que ela ocorre, em geral, é percebido como algo doloroso para quem presencia alguém amado partir.

Certamente, a comicidade possui limites assim como tudo em nossa vida perante a uma sociedade civilizada, e que não deseja se render à barbárie. Jamais o cômico deve extrapolar os direitos individuais de alguém. Mas, primeiramente, o que regula a comicidade não é a Ética, ou a Moral, ou as regras de *contrato social*. Assim como a literatura, a poesia e a música, que não são medidos por preceitos morais e éticos, da mesma forma a comicidade não é. Os campos da expressão do espírito humano são reguladas, acima de tudo, pela *aisthesis* humana, e é ela que delimita, o que deve ser feito ou não. Neste sentido, a comicidade está perenemente ligada ao fato de agradar os outros. Sendo assim, posso afirmar que não estão ligados ao campo da comicidade atos de maleficência como o *bullying*, o assédio moral, a perseguição religiosa, o assédio sexual, a violência e etc, nada que invada e impeça o direito de ser e de acreditar do outro, enfim, não é comicidade

¹ Vide o que passaram por boa parte da história da humanidade, desde o último êxodo deflagrado pelo o Império Romano, que os deixou sem território, até o ápice da repressão, com o holocausto na segunda guerra mundial, fato histórico marcante no século XX em que tentaram, sistematicamente, eliminar a etnia.

tudo aquilo que interrompa a liberdade individual e, intencionalmente, vá na contramão de causar o riso e traga somente o sofrimento, danos físicos e psicológicos a outro ser humano.

O que rege a comicidade que um humorista poderá fazer no palco são os sentimentos humanos, antes mesmo de uma tentativa de delimitá-la tomando como base a moralidade. Jamais podemos contar como norteador, a moralidade ordinária, vazia de pensamento crítico, que pode ser relativa a um contexto cultural-social, como os valores tradicionais e religiosos, ou outras tantas "moralidades" advindas de outras várias outras doutrinas. O sentimento humano que regula a comicidade é o de contentamento, e este sentimento pode ser expressado através do riso. Obviamente os limites para a comicidade não se encontram na subjetividade de alguém, mas na intersubjetividade, na sensibilidade das pessoas¹, a na Estética, um dos ramos da Filosofia, que encontramos a *pedra angular* para o estudo da comédia e suas mais variadas formas. A moralidade originária no senso comum pouco pode nos dizer qual seriam os limites do humor, sabendo que a moralidade dos grupos identitários, na atualidade é peculiar em relação ao montante social. Assim sendo concluo que é a plateia que define a piada que o comediante pode fazer em seu meio de trabalho, o palco.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi produzido com o objetivo de encontrar as limitações éticas para exercer a comicidade no palco. Para isto buscou-se entender o que causa o riso, e de fato, de acordo com a pesquisa bibliográfica se descobriu que possui origens na própria *natureza humana*, ao passo que a moralidade não é uma causa natural, sendo pertencente à dimensão do cultural. Ainda sim, é inevitável que ambas transbordem no campo das relações humanas, sendo tudo que é natural no homem inevitável, e a moralidade igualmente, pois propósito da moralidade é óbvio, serve para regular a nossa natureza, para que nos adequamos ao que chamamos de *civilização*.

O conflito entre a natureza humana e sua dimensão cultural já é de notória análise na literatura e filosofia. O empenho do homem de controlar a si mesmo e os outros é justificável, pois é devida a esta regulação de comportamento entre indivíduos que mantem possível o convívio do homem em sociedade; e sem certos valores, obviamente a sociedade mergulharia em caos. Existem impulsos destrutivos no homem - como a violência - e estes sim devem ser regulados, mas não é o caso da necessidade humana de fazer gracejo - desde que quando respeitados os limites da civilidade. A busca pela regulação não deve, de todo, ser excessiva ao indivíduo nos casos que há a nítida conclusão que não exista ruindade nos efeitos ao se exercer bem a liberdade.

Coloca-se como proposta que se deixe os prejulgamentos e o senso comum de lado, para que se possa pensar e construir, de forma mais saudável, as regras de convívio de nosso meio. Chega-se à conclusão que todo o moralismo é um mal entendido dos benefícios da liberdade; moralismo que ao fim, se torna uma regra condenada a ser desobedecida. Assim como não se pode regular através da moralidade o que um determinado diretor pode expor em seu filme, um pintor em uma tela, um poeta em um livro e um músico em sua partitura, seguindo a mesma lógica; não se pode ditar o que um comediante pode expor em sua piada.

Através da ética destina-se descobrir os juízos de valores corretos, da moralidade destina-se a regulação do comportamento dos homens, e da estética, a busca da compreensão das sensações que o mundo material desperta no espírito humano. O que causa os sentimentos que definem o que é *sublime*, belo, absurdo, *ridículo*, repulsivo, *feio* e amedrontador, *trágico* etc. Então clamo para que tudo pertencente à comédia, incluindo as piadas, devem ser analisadas pela Estética, e conseqüentemente, deve-se utiliza-la para enxergar os limites da zombaria.

REFERÊNCIAS

ARENTES, Pedro. **O Riso dos outros**. Brasília: TV Câmara, 2012.

¹ Não me refiro aqui aos sentimentos subjetivos de ofensa pessoal. Se algo ofende, mas em si não é ofensivo, a pessoa tem todo direito do desagrado ao ouvir uma determinada piada, mas seus direitos se restringem a sua liberdades individuais, que são, por exemplo, de não rir da piada, ou ir se privar de comparecer a uma apresentação de *Stand up comedy* que abordará um humor mais picante. Semelhante isto podemos dizer que, quem não tem apreço por filmes de cunho violento, o aconselhado é não ir assistir ao filme, e não ao contrário, forçar o cinema parar de exibir o filme.

ALBERTI, Verena. **O Risos e o Risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BENATAR, David. **Taking Humour (Ethics) Seriously, But Not Too Seriously**. University of Cape Town: Journal of Practical Ethics: A Journal of Philosophy, Applied to the Real World, 2016.

BERGSON, Henri. **La Risa: ensayo sobre la significacion de lo comico**. Madrid: Espasa-calpe, 1973.

CACHEL, Adrea. **Beleza e Moralidade em Shaftesbury e hutcheson**. Juiz de Fora: Revista Ética e Filosofia Política, v. I, p. 34-46, 2014.

NASCIMENTO, Luís F.S. **Razão e zombaria em Shaftesbury**. In: Dois pontos, vol. 1, n. 2, p. 167-176. Curitiba, 2005.

PROPP, Vladmir. **Comicidade e Riso**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1992.

SOUZA, Eduardo Quelis de. **Shaftesbury: o papel da razão nos juízos morais e estéticos**. Juiz de Fora, 2016.

SHAFTESBURY (Anthony Ashley Cooper) **Characteristics of Men, Manners, Opinions and Times**. Ed. Philip Ayres (2 volumes). Oxford: Clarendon Press, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, vol. 1. 2001.

TV Câmara, Disponível em: <[http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/DOCUMENTARIOS/429921-O-RISO-DOS-OUTROS-\(DIRECAO-PEDRO-ARANTES\).html](http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/DOCUMENTARIOS/429921-O-RISO-DOS-OUTROS-(DIRECAO-PEDRO-ARANTES).html)> Acesso em 03 de setembro de 2016.